



ficar olhando e ver o que acontece. Outra é ser ativo, dar oportunidade para educar as pessoas. É o que está acontecendo.”

MENOS FRAUDES

O professor também considera o Brasil bem posicionado em termos de pesquisa sobre BIM. Nessa viagem, ele visitou pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP), da **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)** e da Universidade Federal do Ceará (UFCE), e se impressionou com o que viu. “A USP e a **Unicamp** não lideram só localmente; elas são universidades de nível internacional, fazem um grande trabalho.”

Na opinião de Succar, o evento dá um sinal de maturidade sobre o tema no País. “É impressionante ver a CBIC enxergando o futuro com clareza e decidindo se engajar em vez de só sentar no meio-fio e não fazer nada.”, disse.

No Brasil e em outros países, o BIM é visto como uma arma contra a prática de corrupção em obras no setor público. Como esse conjunto de processos permite maior visibilidade e um compartilhamento de dados mais ágil, ela dificulta fraudes e aumenta a transparência dos projetos. O pesquisador concorda, e cita a Itália como exemplo: lá, o governo incentivou o uso do BIM fazendo menção explícita à necessidade de reduzir os desvios em obras públicas.

RISCO DE INAÇÃO

Entidades como a CBIC lutam para democratizar e universalizar o uso do BIM, e uma das barreiras para isso são os custos envolvidos na aquisição dos programas e no treinamento de equipes, que levam empresas a resistir à implantação desse processo. O professor entende essas preocupações, mas lembra que, se uma empresa não muda, um concorrente vai acabar ocupando esse espaço.

“O empresário costuma pensa no ROI [*return on investment*, ou retorno sobre o investimento], mas não foca em outro ROI, o *risk of inaction* [risco da inação], e isso é mais importante. É melhor mudar pela sua própria força do que ser levado pelo governo ou pela concorrência.”

Além da resistência aos valores e à mudança, outro desafio que Succar vê na disseminação do BIM – não somente no Brasil, mas no mundo – é a defasagem tecnológica. Ele faz referência a *hardwares*, estruturas de redes e banda larga, que, se apresentarem problemas, impedem a colaboração e a integração dentro da cadeia da construção.

Para Succar, são notáveis os avanços no Brasil

Pesquisador radicado na Austrália elogia engajamento de entidades, governo e empresas

A adoção do BIM está amadurecendo no setor da construção no Brasil, com uma atuação importante de entidades, empresas, governo e universidades para disseminar esse processo, afirma o professor e pesquisador Bilal Succar, da Newcastle University (Austrália), que abriu o primeiro painel do seminário BIM: *Oportunidade para Inovar a Indústria da Construção e Aumentar a Transparência das Compras Públicas*, iniciativa da CBIC, em correalização com o Senai Nacional, na cidade de Brasília.

Essa foi a segunda visita de Succar ao Brasil. Na primeira, em 2013, esteve em um encontro promovido pelo Sindicato da Indústria da Construção

Civil do Estado de São Paulo (Sinduscon-SP), época em que as discussões sobre esse tema estavam apenas surgindo no País.

“A tomada de consciência aumentou muito. A dúvida deixou de ser ‘devemos fazer?’, ou ‘vão me pagar mais para trabalhar com BIM?’ e se tornou ‘devemos fazer desse jeito ou daquele?’, ou ‘vamos priorizar esse passo ou aquele?’. Não parece muito, mas isso é uma grande conquista”, diz o especialista.

Ele crê que a crise econômica iniciada em 2015 tenha desacelerado a disseminação do BIM, mas aprova o nível de envolvimento do poder público nesse sentido. “O governo tem algumas opções. Uma delas é só



O pesquisador Bilal Succar, da Newcastle University

BStock

Thiago Lima